

Resenha: Inventário do Patrimônio Cultural da Comunidade Quilombola de Queimadas: Município de Currais Novos/RN

Review: Inventory of the Cultural Heritage of the Quilombola Community of Queimadas: Municipality of Currais Novos/RN

Reseña: Inventario del Patrimonio Cultural de la Comunidad Quilombola de Queimadas: Municipio de Currais Novos/RN

Eliziane Alícia da Silva Santos¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

eliziane.alicia.706@ufrn.edu.br

Matheus Henrique Pacheco Paiva²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

matheush.cn3102000@gmail.com

Recebido: 22/01/2026 | Aceito: 04/02/2026

Realizado em 2024, o Inventário do Patrimônio Cultural da Comunidade Quilombola de Queimadas: Município de Currais Novos/RN é resultado da integração entre projetos de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O livro dá continuidade à inventariação de comunidades localizadas na Zona Rural de Currais Novos, em especial ao “Inventário do patrimônio cultural do Povoado Trangola: município de Currais Novos/RN” (Silva, 2024). Seguindo o estudo anterior de Silva (2024 a) a construção de um inventário cultural está atrelada a elementos como Memória, História, Cultura, Identidade, cidade, território e convívio. Assim como o conceito de Patrimônio Cultural está atrelado a relações de poder (Tolentino, 2016), entende-se que o inventário cultural também

¹ Graduanda do curso de Turismo da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó (FELCS) e bolsista do projeto de extensão “Inventário Cultural do Povoado Maxinaré: Um Olhar Para a Zona Rural de Currais Novos/RN” (Edital nº 008/2024-UFRN/PROEX).

² Graduando do curso de Turismo da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó (FELCS) e bolsista do projeto de monitoria Turismo: “Turismo pedagógico como ferramenta para a melhoria da qualidade de ensino do curso de graduação em Turismo da FELCS: Diálogos com a *gamificação*” (Edital, nº 04/2024-DDPED/PROGRAD)”.

se insere nessa lógica. Dessa forma, o inventário de caráter participativo, busca reconhecer os saberes que compõem a memória coletiva e a identidade cultural da comunidade.

Os bens culturais foram classificados em cinco eixos, sendo eles: lugares, formas de expressão, saberes, objetos e personalidades, sendo o último eixo, uma adaptação para atender à comunidade. Com isso, o autor ressalta a importância de reconhecer os moradores como protagonistas do local.

A utilização da História Oral, que articula lembranças e esquecimentos na produção de memórias, permitiu o protagonismo desses moradores e moradoras. Portanto, o livro se constrói a partir de um conjunto de atividades de pesquisa, as quais incluem: pesquisa bibliográfica, visitas à comunidade e entrevistas, onde todos os entrevistados autorizaram o uso das informações disponibilizadas, bem como de seus nomes e informações pessoais.

O inventário possui 73 páginas e está dividido em 5 capítulos, sendo o primeiro destinado a apresentação, e os demais organizados em eixos: lugares, saberes, personalidades e objetos. Em cada eixo é possível observar a presença de narrativas e imagens que contribuem significativamente na salvaguarda do patrimônio e memória coletiva da comunidade.

Ao iniciar o capítulo, intitulado “Comunidade Quilombola de Queimadas – Currais Novos/RN: Narrativas Possíveis”, Silva (2024 b) apresenta um panorama geral de Queimadas, abordando sua localização, origem e história. A comunidade está localizada a cerca de 12 km do centro de Currais Novos, cidade situada na região Seridó, estado do Rio Grande do Norte. Sua origem é marcada por processos de resistência, onde a primeira povoadora teria sido Maria Dionísio, mulher escravizada, a qual se acredita ter chegado à região no século XVIII, juntamente com o casal Cipriano Lopes Galvão e Adriana de Holanda e Vasconcelos.

O segundo capítulo, categorizado por eixo dos lugares, destaca a Casa de Taipa, considerada a primeira da comunidade. A casa ocupa um valor simbólico na memória coletiva. Apesar de encontrar-se em ruínas, os moradores expressam o desejo de mantê-la viva na história de Queimadas.

Outro lugar inventariado é a plantação de Café Turco, cuja origem, embora não seja conhecida com exatidão, o autor destaca sua ligação à história da comunidade. Composta por cerca de dez árvores que, em algumas épocas do ano, florescem e nascem as vagens. Suas sementes são então colhidas, torradas e moídas para produzir o chamado Café de Turco.

A partir do terceiro capítulo, o eixo dos saberes, evoca-se o conhecimento sobre a medicina popular e outras tradições passadas por gerações. Práticas como o preparo do café turco, a produção de lambedores, a produção de doces, o carvão e o benzimento são saberes que compõem a história de luta e resistência de um povo pelo reconhecimento e pela valorização de sua identidade.

O café turco, cultivado a partir de sementes que germinam nas terras da comunidade e florescem em plantas colhidas pelos próprios moradores, também é responsável por guardar memórias atreladas às práticas agrícolas e questões socioeconômicas vividas pelos moradores. Essas sementes são responsáveis não só pela criação da bebida do café, mas também, carregam identidade de Queimadas, se transformando em um patrimônio vivo para seus moradores.

A produção de lambedores também é um destaque da comunidade. Feita através de ervas medicinais plantadas e colhidas pelos moradores, seu preparo possui propriedade curativa, especialmente no tratamento de gripes e resfriados. Essa prática não apenas desempenha sua função fitoterápica, mas, também, reforça a continuidade de um saber geracional. Assim como os lambedores, as garrafadas também são produzidas com a finalidade de tratar doenças, transformando-se em remédios caseiros utilizados no alívio do mal-estar e de diversas enfermidades. Seu preparo envolve o uso de ervas como hortelã, mastruz, erva-doce, além do mel e de outras espécies cultivadas pela comunidade. Mais do que um recurso terapêutico, essas práticas representam um importante meio de preservação e transmissão dos saberes ancestrais, perpetuados de geração em geração.

A produção de doces é feita através do plantio de frutas naturais da localidade, na qual as mesmas são colhidas e usadas na confecção dos doces, possuindo alguns sabores, como o doce de goiaba, doce de leite, doce de mamão, dentre outros que são comercializados em eventos como feiras, mostras ou feito de forma específica por encomenda.

Entre os saberes mantidos pela comunidade, a produção de carvão exerce e exerceu papel central na produção de renda de Queimadas. A prática é realizada dentro da carvoeira, um buraco feito no chão que é cuidadosamente fechado para que o ar não entre. Ali, a lenha se transforma em carvão, que depois pode ser usado no dia a dia ou vendido.

Ao analisar o benzimento/reza, o autor destaca que o saber está atrelado à produção de lambedores e garrafadas. Destaca, ainda, duas personalidades que mantêm viva essa prática: Francisca Maria da Silva (Dona Tica) e José Benedito (Seu Zé). Ambos realizam o benzimento em seus consulentes, cuidando tanto dos males do corpo quanto dos males do

espírito. Apesar das semelhanças entre as práticas curativas, Silva (2024 b), destaca os processos envolvidos e a conexão dessas práticas com a história da Comunidade.

Embora diversas personalidades sejam mencionadas no inventário, o quarto capítulo dedica-se a um recorte específico, destacando aquelas cuja memória permanece viva na comunidade. Entre elas estão Maria Dionísio, Maria Sánchez de Medeiros, Benedito Dionísio da Silva, Francisca Maria da Silva, José Benedito da Silva e Maria da Guia Ferreira da Silva.

Maria Dionísio, mulher negra e escravizada, teria chegado à região no século XVIII, acompanhando Cipriano Lopes Galvão e Adriana de Holanda e Vasconcelos, considerados os primeiros povoadores de Currais Novos. De acordo com as memórias dos entrevistados, as terras onde hoje se localiza a Comunidade de Queimadas teriam sido uma doação de Dona Adriana à escravizada Maria Dionísio, a qual teria “[vindo para] cá, trazendo um pote de água na cabeça, que era para Dona Adriana beber água, porque ela não queria beber água que fosse encontrada no caminho de lá para cá” (Jéssica, 2024, apud Silva, 2024, p. 53).

Maria Sánchez de Medeiros ou Maria Parteira como era popularmente chamada, mãe de Benedito Dionísio, teria sido a responsável pela realização de diversos partos tanto na comunidade quanto no município de Currais Novos, além de cidades circunvizinhas como São Vicente e Lagoa Nova. A ela também se atribui os primeiros usos da semente de Turco para o preparo do café.

Benedito Dionísio da Silva, conhecido como Benedito Preto ou de Benedito do Carvão, nasceu em 08 de novembro de 1926, foi casado com Maria Ferreira da Silva com quem teve 10 filhos. Seu Benedito era conhecido por produzir e vender carvão, saber geracional presente na comunidade. Ainda em vida, Seu Benedito expressava receio quanto ao reconhecimento oficial da comunidade como Quilombola, pois, em sua percepção, esse reconhecimento poderia reascender uma possibilidade de retorno à condição de escravizados, tanto para ele quanto para seus descendentes.

Francisca Maria da Silva, conhecida como dona Tica, nasceu em 17 de outubro de 1960, é uma das filhas de seu Benedito Dionísio e, é uma das guardiãs de memória da Comunidade Queimadas, onde reside desde que casou. Conhecida por ser uma rezadeira/benzedeira, dona Tica atende tanto moradores da comunidade quanto pessoas de outras localidades. Seus saberes têm origem familiar, e de acordo com suas memórias, teria aprendido com seu tio, Thomaz Dionísio.

José Benedito da Silva, mais conhecido como Seu Zé, é um dos filhos do casal Benedito Dionísio da Silva e Maria Ferreira da Silva. Assim como a irmã Dona Tica, Seu Zé

também é benzedor/rezador. Para além das rezas, é o responsável pela produção de garrafadas, bebida a qual é atribuído o carácter medicinal.

Maria da Guia Ferreira da Silva, popularmente chamada como dona Da Guia, também filha de Benedito Dionísio e Maria Ferreira, é a atual (2024) presidenta da Associação Comunitária Quilombola de Queimadas (A.C.Q.Q).

O último eixo destina-se aos objetos históricos da Comunidade Quilombola de Queimadas, que além de testemunhos do passado, esses artefatos são símbolos da identidade quilombola e da luta pelo território. A máquina de costura destaca o protagonismo das mulheres na geração de renda e na preservação cultural; o moinho revela saberes ligados à agricultura e à partilha do alimento; as painéis de barro expressam técnicas artesanais de origem africana; e a quenga de coco simboliza a relação com a natureza e a ancestralidade. Juntos, esses objetos mantêm viva a memória coletiva da comunidade, fortalecendo suas raízes culturais e garantindo que as novas gerações conheçam e reconheçam sua história.

Em suma, a obra tem como finalidade contribuir para a salvaguarda da história e da memória da Comunidade Quilombola de Queimadas, não só por meio do registro de seus bens culturais materiais e imateriais, mas também pelo fortalecimento da identidade coletiva e do sentimento de pertencimento da comunidade.

Referências

SILVA, Eduardo Cristiano Hass da. **Inventário do Patrimônio cultural do Povoado Trancão:** Município de Currais Novos/RN. Currais Novos, RN: UFRN/PROEX/ FELCS, 2024a. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/680da88d-3877-47d8-b22a-a864b9da6fe2>. Acesso em: 22 ago. 2025.

SILVA, Eduardo Cristiano Hass da. **Inventário Cultural da Comunidade Quilombola de Queimadas:** um olhar para a Zona Rural de Currais Novos/RN: UFRN/PROEX/FELCS, 2024b. Disponível: <https://repositorio.ufrn.br/items/de37f22e-5b2d-418e-a8ef-c0143878e060>. Acesso em: 25 de agosto de 2025

TOLENTINO, Átila Bezerra. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In: TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira. Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.